

Tentativa de construir uma ponte entre Lefèbvre e a Teoria Crítica

Francisco Augusto Freitas¹

Lefèbvre compreende o urbano como uma *totalidade* em processo de construção, não acabada, não encerrada, portanto, não fechada; faz uma crítica das ciências particulares e da sua falta de totalidade, não obstante o saber *do* e *sobre* o urbano provenha da “convergência de todas as ciências”, sem, no entanto, ser a soma ou a sobreposição ou a síntese de todos estes saberes, tampouco constituir um *sistema*. “A crítica radical define, assim, um *relativismo* metodológico e teórico, um *pluralismo epistemológico*.” (Lefèbvre, p.65)

Sob o ponto de vista da Teoria Crítica, Lefèbvre procuraria o que a “primeira geração” (Cf. Horkheimer) entendia como a tarefa da filosofia: reunir todos os saberes particulares revelando o vínculo essencial (e ideologicamente oculto) entre teoria e prática. Diferentemente da proposta lefebvriana, que procura uma “via (sentido e direção, orientação e horizonte)”, mais que (ou contra) um “modelo”, Adorno propõe “modelos de pensamento”, que procuram “totalidades parciais”, sempre carentes de atualização, movidos por um “espírito de sistema”, ao invés de um “espírito sistemático”, no interior de um antissistema.

Para Adorno, em sua última fase (*Dialética Negativa*), o “modelo de pensamento” (por excelência: o ensaio filosófico) cria um conceito de um objeto que não é completamente efetivo; parte de um objeto, mostra o que nele é potencial e impele este objeto para o mundo. Isto, a própria ciência o faz, porém, de um modo velado, cria conceitos falsos do verdadeiro e assim cria o momento verdadeiro do falso, ou seja, cria verdades e *práticas* desta verdade.

Para Lefèbvre, a “vontade de sistema”, a pretensão de sistematizar o todo do real, deve ser criticada: “Não seria a vontade de sistema que se dissimularia sob o conceito aparentemente ‘objetivo’ de objeto científico? O sistema procurado constitui seu objeto ao se constituir. Em seguida, o objeto constituído legitima o sistema. Atitude tanto mais

¹ Mestre em filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor substituto do Instituto Federal de Minas Gerais, *campus* Ouro Preto. Leciona a disciplina “Teoria do espaço urbano” (2012/2).

inquietante quanto o sistema considerado pode se pretender *prática*.” (Lefèbvre, p.58. Cf. p.66)

Por seu turno, Benjamin concebe o conhecimento da totalidade (possível) a partir dos fragmentos, à revelia de um sistema ou da “mediação universal”, mediação esta realizada pelo conhecimento (do) presente imediato (mediação por imediatez), ou melhor, do encontro do presente com um passado esquecido (recalcado, negado), acontecimento este entendido como “o agora da cognoscibilidade” (Cf. “Sobre o conceito de história”). Daí o caráter intrinsecamente fragmentário do projeto das *Passagens*: da reunião de fragmentos díspares e dispersos surgiria o conhecimento do momento histórico no presente *do leitor*. Cabe a este a *montagem* de uma totalidade parcial e fragmentária, que deve ser atualizada a cada presente. Para Benjamin, desde sua tese sobre o barroco, a tarefa da filosofia consiste no *esboço* descritivo do mundo.

A “constelação” conceitual, a forma como os conceitos são agrupados, conectados, forma esta que, internamente, define os próprios conceitos em sua relação recíproca de significação e, externamente, significa os fenômenos a que se refere, seria um “modelo de pensamento” histórico – uma totalidade parcial historicamente construída.

A filosofia da história proposta por Benjamin em suas teses parte do pressuposto de que a história é um acúmulo de ruínas, que há fragmentariedade e portanto uma *descontinuidade* entre os fenômenos, sendo a tarefa do historiador recolher estes fragmentos e recontar a história em que o presente se reconhece no passado. Partindo de uma concepção de história tradicional, isto é, da *continuidade* dos acontecimentos, Lefèbvre afirma que o *fenômeno urbano* seria um momento “pós-histórico”, na medida em que não é a sucessão e substituição de modelos anteriores, mas a reunião e resignificação das formas sociais históricas: o *urbano* não seria a “negação abstrata” da cidade industrial nem do campo anterior a este, mas o *fim* para onde convergem e onde são redefinidos, sem, no entanto, eliminá-los. Assim, próximo a Benjamin, a ideia de “pós-história” de Lefèbvre seria a articulação do presente com o passado, de modo que aquele, neste encontro, resignifica aquele e é por ele resignificado. “Conhece-se o passado a partir do presente, mais que o presente a partir do passado. O que legitima uma historicidade sem historicismo.” (Lefèbvre, p.70)

Outro aspecto que permite aproximar Lefèbvre da “segunda geração” da Teoria Crítica seria a constatação crítica, a partir de um “diagnóstico do tempo”, das razões do

“bloqueio”, seja do cumprimento da tarefa da filosofia, seja da *revolução urbana*. Para a TC, a tarefa da filosofia consiste na “orientação para a emancipação”, e isto não ocorre, de acordo com Marx, devido à ideologia, que impede o reconhecimento dos antípodas na luta de classes, ideologia esta asseverada pelo capitalismo (ou socialismo) de Estado, em suma, o “mundo administrado”. O “erro” de Marx estaria em seu prognóstico: de o capitalismo seria superado pelos seus próprios meios. “O capitalismo não morrerá de morte natural”, afirma Benjamin em *Rua de mão única*. O problema, para a filosofia, estaria no não reconhecimento das ciências como produção de mundo: na medida em que as pessoas se comportam em relação aos conceitos como verdades, as ciências tornam-se força produtiva.

Após a constatação destes impedimentos da emancipação, engendrados na (e pela) cidade industrial, onde tudo é produção, a *urbanização total do mundo*, ou antes, a *revolução urbana*, que para Lefèbvre consiste em uma via, uma finalidade, não se efetivou completamente (permanece como tendência), sobretudo por quatro razões: 1. a passividade da forma de habitar, da substituição do “espaço concreto” pelo “abstrato”; 2. histórica, i.e., o “desencantamento” frente à realidade urbana engendrado pela desproporção entre a promessa da cidade (não cumprida) e a saída para a revolução urbana do cotidiano; 3. teórica, que seria a “*fragmentação do fenômeno urbano*” que não chega a se realizar, está sempre alhures; 4. sociológicas, quando os usuários do espaço são elididos das decisões, sendo estas tomadas pelos “especialistas” ou tecnocratas, que suprimem o valor de uso pelo valor de troca. (Cf. Lefèbvre, “Conclusão”)

Pode-se apontar como ponto de convergência final que tanto a Teoria Crítica quanto Lefèbvre, além da sua patente filiação marxista, procuram no “momento crítico” a “orientação para a emancipação”, a passagem da teoria à prática, que se vê “bloqueada” pela racionalidade das partes e irracionalidade do todo, nas ciências assim como na economia política cotidiana.

Referências:

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. *Passagens*. BOLLE, Willi; TIEDEMANN, Rolf (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado (SP), 2006.

_____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. “Sobre o conceito de história”. Trad. J. M. Gagnebin e M. L. Müller. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

HORKHEIMER, Max. “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, in: *Textos escolhidos*. 2a. ed. São Paulo: Abril Cultural: 1983.

LEFÈBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.